

***SELBSTSORGE* – CUIDADO DE SI e *FÜRSORGE* – PREOCUPAÇÃO A PARTIR DE HEIDEGGER: ANÁLISE ONTOLÓGICA EM RELAÇÃO A EDUCAÇÃO**

Jéferson Luís de Azeredo
*jeferson@unesc.net*¹

RESUMO

Este trabalho, apenas indicativo do que ainda precisa ser melhor explorado e relacionado a educação, se refere a um conceito de educar como proposta aberta, fundada na abertura do existir e do fazer a partir do cuidado de si (*selbstsorge*) e do cuidado do outro (*fürsorge*), que são sustentado pelo mundo das coisas e, portanto, do *bersorge*. Somente no reconhecimento do mundo como utilidade e não como identificação, que o *Dasein* reconhece o outro, na compreensão do não-isolamento, e ênfase do cuidado como essencial, pois nesse movimento ético, o ser passa a ser existente enquanto tal, e no jogo aberto das relações de sentido. A educação, minimamente, precisa repensar os espaços em que se dão tanto a relação com o mundo, não tornando o *Dasein* imerso na cotidianidade e nela preso, bem como potencializar as relações éticas como pressupostos do sentido do ser.

PALAVRAS CHAVES: Dasein; Cuidado de si; Cuidado do outro; Educação; Abertura do ser.

***SELBSTSORGE* - CARE SELF AND *FÜRSORGE* –FROM HEIDEGGER'S CONCERN: ANALYSIS ONTOLOGICAL TOWARDS EDUCATION**

ABSTRACT

This work, which is only indicative of what should be further explored and related to education, refers to a concept to education as an open proposal, based on existing and do from the care of self (*selbstsorgen*) and care of others (*Fürsorge*), which are supported by world things and therefore thebersorge. Only through recognition of the world as utility and not as identification, which *Dasein* recognizes the other, the understanding of non-isolation, and emphasis of care as essential. Since this ethical movement, the being comes into existence as such and in relations of sense. Education minimally needs to rethink the spaces in which the relationship with the world, not making *Dasein* immersed in everyday life and stuck in it, and in the enhancement of ethical relationship as assumptions of the sense of being.

KEYWORDS: Dasein; Care of themselves ; Caring for others ; education; Opening of being.

1 Relações heideggerianas introdutórias.

Martin Heidegger, pensador Alemão nascido em 1889 e falecido em 1976, resgata no limiar do século XIX e XX o “caminho simples”, uma imagem do mais simples, mas, do mais

¹ Filósofo, leciona Filosofia na UNESC, pesquisa Ontologia e Hermenêutica heideggeriana na UFSC.

profundo que emana do contato mais direto e puro com as coisas e, portanto, no fulcro com o ser; o problema do ser. Heidegger se mostrou o grande pensador que resgata o ser, sua origem e possibilidades existências que se mostram escondidas no oculto da Tradição. No contexto heideggeriano, em que há um forte clima marcado pelo despertar neokantiano e de outro lado, neo-aristotélico, ou ainda, pouca leitura de Nietzsche, cuja crítica ao cristianismo e ao platonismo é acentuada num resgate “platônico para o povo”, Heidegger traz o conceito de existência, consagrado imponentemente pelo único livro que ele escreveu “Ser e Tempo” (1927), outras obras – mais de cem - são frutos de seminários, aulas, preleções e conferências, que “amarradas” posteriormente tornaram-se livros.

Em sua tese de doutorado “A doutrina das categorias e do significado de Duns Scotus”, Heidegger pergunta pela unidade do ser na multiplicidade de seus significados. Para ele, o significado reside nas frases e palavras, mas a realidade do sentido e do significado, em sua multiplicidade, exige dimensões da realidade do ser que os fundem. Portanto, não é apenas a lógica do sentido e de seu significado, mas a pergunta pela realidade do ser (STEIN, 2011, p. 23). Em síntese aqui, ele traz o resgate da vida concreta em sua historicidade e finitude, negada até então pela metafísica tradicional que excluía a realidade humana e a vida fática, ou seja, para ele, negação do ser.

Escrito aqui, uma “apresentação” do autor em questão, este ensaio quer delimitar a relação que Heidegger – a partir de sua fase ontológica - estabelece com a educação, ressaltando que ele nunca instituiu um sistema em que se pode, mesmo que próximo a isto, suficientemente compor um percurso seguro nesta relação – mas lecionou filosofia por muito tempo – vivenciou a docência. O que se precisa ter claro é a filosofia na educação e não da educação a partir de Heidegger, e a perspectiva ontológica-existencial, elãs deste ensaio.

Assim, não se estabelece críticas, análises históricas, ou modelos ideais, mas sim, filosofar a educação no seu aspecto em que um quadro nocional é constituído: o problema do ser na educação.

2 Caminho fenomenológico.

De influência fenomenológica, Heidegger traz para seu pensamento o que aprendeu do seu mestre Edmund Husserl (1859-1938). Aqui é um olhar dos fenômenos em patamar antepredicativo, nada pode ser sobreposto à imediatez que vem dos fenômenos, é preciso

desconfiar (“por-entre-parênteses²) de toda conclusão a posteriori, portanto, é uma ideia de retorno às coisas mesmas. É um exercício do “ver” o fenômeno como ele se mostra, do mundo sem direcionamentos ou intermediações outras, portanto, antes do conceito seria o fenômeno pura à consciência. É importante aqui, introdutoriamente dizer que não se trata de fixar uma relação sujeito-objeto em que o sujeito é o responsável pela informação desse. É antes, o cessamento das faculdades transcendentais do sujeito (de suas faculdades – Kant ou Idealismo Alemão) e suas representações na análise da consciência em que os fenômenos ocorrem. É a consciência que é sempre afirmada pela sua intenção, ela não é uma posição do sujeito, mas uma transcendência intencional, que, assim, contempla o que há de mais essencial nos objetos/no mundo – contemplação da essências por elas mesmas, no objeto, contrário a uma posição metafísica, o que se funda conseqüentemente é um conteúdo real que só o é pela consciência.

Deste percurso fenomenológico, estende-se aqui o primeiro fundamento que se ligará a ideia de pensar a educação: o método fenomenológico viabiliza a descoberta do ser, pensado unicamente pelo único ente capaz de refletir sobre o sentido: o homem. É neste percurso (método) que se visualiza a fenomenologia em contraste com o existencialismo posterior, abrindo discussões sobre finitude, condições de liberdade, humor, o outro...

3 Ontologia e Existencialismo.

Este homem, exposto pela fenomenologia em intenção de se conhecer, de se chegar a essência, é entendido por Heidegger como um ser-aí³, o que é traduzido da palavra alemã *Dasein*. Este ser-aí é o que o homem é, é um modo de sua existência, é uma abertura para o ser, é um mundo que pode circunstanciar o exercício de existir, portanto, não é uma existência pronta, e sim um fazer-se.

Essa abertura existencial, relacionada à educação, leva a pensar o aluno⁴ a partir de sua experiência (diferente aqui do empirismo e positivismo), que é imediata (fenomenológica portanto), reestabelecendo um sentido de si. O professor é o motivador. Um exemplo deste

²Epoché (HUSSERL, 2001)

³ O ser-aí também é interpretado pelo termo “presença”, ou seja, usado para traduzir o termo *Dasein*, e é usado pela tradutora Márcia de Sá Cavalcante, a qual significa em Heidegger a condição do homem no mundo. Não é sinônimo de homem, nem de humanidade, embora conserve uma relação estrutural. Mas, evoca o processo de constituição ontológica de homem.

⁴ Aqui não se aprimorará a discussão etimológica de ALUNO numa alusão a sujeito sem luz, mas convencionase apenas para se poder ler esta imagem que é a escola e a relação de sujeitos intimamente envolvidos que há.

“sentido de si”, aqui no Brasil, é visto em parte na fundamentação de Paulo Freire, em que se percebe uma relação existencial com o processo educativo do sujeito-aluno, especialmente na obra “Educação como prática da liberdade” (1967), na promoção de “uma pedagogia em que não há escola, nem professor, no sentido tradicional do termo, mas círculos de cultura com um coordenador, cuja tarefa essencial é o diálogo” (MARTINI, 2005, p. 8).

Em síntese, como uma primeira ideia aqui, de cunho ainda fenomenológico, o aluno é o agente ativo de sua formação, na medida em que pode experimentar a si, na medida em que só existe no seu existir, em que vai-e-volta, com predominância do psicológico sobre o lógico (...) o que se pode fazer para isto acontecer é estar disposto a esta possibilidade, que independem da vontade ou preparação (SAVIANI, 1995).

Numa segunda ideia – não se fechando para ser isolada ou uma espécie de escada de sentidos – o que se relaciona à educação, que pode ser pensado via Heidegger “após a noção esclarecida da fenomenologia enquanto abertura do sentido, é o cuidado de si, que é chamado em alemão de *Selbstsorge* e a preocupação que é chamado de *Fürsorge*.

4 Cuidado de si (*Selbstsorge*) e Preocupação (*Fürsorge*): modos do ser.

Vê-se, nos textos de Heidegger, que o cuidado (*Sorge*) aparece de três maneiras centrais: o *cuidado de si* mesmo (*Selbstsorge*), o *cuidado com os utensílios* e com as obras que devem ser feitas (*Besorge*) e o *cuidado com o outro Dasein* (*Fürsorge*). Aqui, trata-se do cuidado e da preocupação, pois o ente só recebe sentido para Heidegger a partir do movimento que ele faz em direção à vida (aqui se vê a partir de Heidegger uma diferenciação com animais e objetos inanimados (sem especificação ontológica) – que pode ser um desdobramento desta pesquisa), e vida não como atividade prática, que são os outros entes em relação ao *Dasein*, pois eles estão estabelecidos como disposição para diversos usos⁵, e, portanto, de ordem múltipla, é por isso que o cuidado de si que antecede qualquer cuidado, pois dá sentido ao ser, entretanto não se isola, especialmente quando pensado em relação aos outros *Daseins*.

⁵ Entes múltiplos aqui pode aparecer como coisas e animais, coisas (Heidegger chama de utensílios (*Zeuge*) – aqui de análise grega - precisam do *Dasein* para existir, animais e plantas não. Os primeiros estão em CONFORMIDADE com aqui que deve ser feito, exemplo, uso uma caneta para escrever, ela está para mim como quero. Entretanto, um rio não está para mim como eu quero, como conformidade, e sim como DISPONIBILIDADE (*Bestand*), pois estão para mim já prontos, eles subsistem (*Vorhandenheit*)

O *Selbstsorge* permite o ser em contínuo ser, em contínuo existir, é um modo de ser. Somente pelo cuidado que o ente ou aqui em condição de ser-aí, e, portanto, um modo de ser, chamado *Dasein*, que se pode afirmar uma existência real do ser-aí. Como se dá esse cuidado de si? Por que é tão cara, especialmente em relação ao mundo⁶ (ser-no-mundo) e ao outro (coexistências), a afirmação do cuidado de si? Que conforme afirma Stein, reforça que só é possível o ser-aí (a partir do *sorge*), porque há os outros (em relação de preocupação (*Fürsorge*)) (2011, p. 67) e o mundo.

O cuidado pelas coisas (utensílios) é a primeira representação que pode levar a consciência do outro, o *Dasein* está imerso na lida com utensílios (uma ocupação – *Besorge*), pois estes entes, que não são um *Dasein*, remetem a outro *Dasein* que os fez (HEIDEGGER, 1989, p. 118). Portanto, utensílios são para entendidos como ocupações que levam ao pensar o próprio *Dasein*. Aqui neste trabalho, apenas será citado que este cuidado com as coisas está num nível de admissão que elas são feitas por outras pessoas, e, portanto, se admite um grau de dependência, o homem não vive isolado. Vê-se uma influência de Heidegger, o mesmo lê Aristóteles, e escreve o texto “Conceitos fundamentais da filosofia Aristotélica”, em que há uma fenda que aponta para a ideia de ser-com-outro de Heidegger, e com o conceito de preocupação (derivativos da ideia de mundo – de utensílio). É em Aristóteles (obra “Política”) que se vê a relação em comunidade, e é neste ponto que se desdobra um engendramento capaz de fundamentar o objetivo deste trabalho, a saber: reler a educação como abertura do se fazer em movimento e liberdade, numa relação ética-existencial.

A ocupação do *Dasein* com utensílio, que o determina, e a preocupação com os outros que o qualifica em seu cuidado no cotidiano, não estabelece o *Dasein* como privilegiado, pois não o retira da cotidianidade. O cuidado aparece como intimamente ligado com a obra que se faz e com o outro que se relaciona (inter-relaciona). Quando se problematiza os outros, não se começa como um retorno ao sujeito, como que uma espécie de auto compreensão para só então se constatar que os outros existem, se rejeita esse solipsismo de autorreferência do ego de si, coisa pensante de Descartes, e sim, na admissão que os outros existem a partir da ocupação com os utensílios, do cuidado com eles, e, portanto, faz o meu *Dasein* existir. Mesmo na possível solidão que ele pode pensar ou querer se colocar, ao contrário, afirma sua existência na constatação que há mundo e nele outros *Daseins*.

⁶ Cabe ressaltar, que perante a técnica, que para Heidegger é o último estágio do esquecimento do ser, e portanto limitadora, o homem pode se colocar em deficiência, pois se constitui-se de ocupações com os utensílios (técnicas), um mundo como produção, e se prende, o utensílio se torna um estorvo. (HEIDEGGER, 1989, p. 76).

A ocupação com o mundo pode tornar o *Dasein* tão absorvido que a cotidianidade o realiza. Na ruptura deste, mas não negação, que se desentranha a preocupação ontológica na fundação do ser-com, no cuidado do outro.

5. Educação e abertura-do-ser.

Hoje se pode ler uma série de análises – ainda que indiretas - feitas desta categoria ‘cuidado’, na saúde, na relação com os idosos e na relação com o ecossistema. Aqui, quer-se explorar o *sorge* especificamente em relação à educação, na relação com a pedagogia, que se *re-faz* no século XX, no ressurgimento do eu como predisposição de si mesmo e do pensar. Um cuidado de si em relação ao outro, é desta ideia que se desdobra este trabalho.

No esforço do ser-aí compreender seu ser e o ser das coisas que há, a questão educacional é posta como possibilidade de abertura portanto. Assim, relações no espaço escolar só podem surgir como abertura à própria existência – em paralelo à preocupação com o outro, sem que isto possa reduzir a uma imersão cotidiana de afazeres em que ignora o modo de ser de sua existência fundado pelo cuidado.

O cuidado pode se realizar, quando o ser-aí não age apenas em conformidade, a partir de atitudes pre-escritas, estando longe de decidir, vivendo o comportamento segundo normas e modelos, senso comum e tradição irrefletida; ideias que ultrapassam a consciência das coisas (via fenomenológica). É um cuidado que toma o indivíduo em projeção reflexiva de si mesmo, pois é aberta. Somente na transparência de si a partir do ser-aí que o outro pode estar, caso contrário, num apressamento do outro, se constituiria uma anulação do ser, na “boa intenção” da preocupação que se finda na ocupação e perda de si.

A educação proporciona uma re-condução às possibilidades de ser? Aluno e professor, aqui se constrói uma relação do que é necessário? O que é necessário está para abertura assim como o ser está para o outro?

Necessário aqui ao *Selbstsorge* é um destino, significado a partir da abertura de si numa relação com o outro, respectivamente nesta ordem. O contrário é deixar o ser e optar pela decisão do que já está imposto, seja enquanto modelo do fazer, seja enquanto dever-ser. Aqui se pode ver que só há educação para Heidegger quando o cotidiano se desprende do ser do ser-aí, na liberdade em que se efetiva e produz sentido e ocupação, se colocando como singular no mundo (ser-no-mundo) em que se vive (HEIDEGGER, 1989, p.39), e portanto, autêntico.

5 Amarrações finais.

A partir do que foi exposto, entende-se que a educação passa a ser uma ‘estrutura’ aberta; um mundo que permite o ser se abrir. É na relação com os outros ser-aí que se funda uma existência, como já dito: isso é ocupação. Se o eu ser-aí constitui um mundo, o outro ser-aí também, e na co-constituição, no ser com outro existência, e vice-versa, que posso haver o projeto articulador de significações.

Se o ser-aí está jogado, inevitavelmente, no mundo⁷, sua única via é o projeto (HEIDEGGER, 1989), que leva em conta o outro. Nesse decair sob si mesmo, é fatídico, e permite articulação aberta, sem precedente ou essência ulterior. Mas, esse estar-jogado, não é livre projeto, está envolto do sentimento de situação. Entretanto, pode-se assim abordar as coisas para que elas atinjam a condição de liberdade, numa relação articulada de possibilidades, justamente pela condição do estar-jogado (STEIN, p. 67-68). É daqui que surge a preocupação, o tornando autêntico, e esta, se dá na angústia como experiência radical.

Da angústia se tem a tonalidade efetiva básica, que é o nada, o vazio do ente. Como se junta aos outros entes, até mesmo rotulando-se como “a gente”, torna-se inautenticidade. O seu ser só será possível nessa tomada de consciência, que da finitude e do nada se pode ser pela liberdade.

Se a educação não aproximar o ser consigo no modo de ser do *dasein* e não o abri-lo para o outro, este não se pensará como ser-no-mundo e jamais será autêntico, sempre e somente inautêntico, um ser “a gente”, ou como afirma Rosa Martini, “o estar jogado na existência obriga o Dasein na busca do sentido, e para essa tarefa, o mestre, enquanto educador e pensador, só pode preparar o terreno e acompanhar o aprendiz naquilo que nunca deixa de se inscrever”⁸ (2015, p. 10).

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.

⁷ Parte-se de Heidegger ateu, numa perspectiva do homem sem notícias de suas raízes.

⁸ Rosa Martini escreve apoiando-se nos textos que Heidegger escreve de 1950 a 1951, especialmente o de 1952, que escreve como professor ativo em Freiburg, reunido sob o título “O que significa Pensar”. Os textos revelam seu comprometimento com a tarefa de professor e com sua concepção do aprender como “deixar aprender” e aprender a pensar.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 3ª Ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1989.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas*. **Introdução à fenomenologia**. Trad. Maria Lopes e Souza. Porto: Rés, 2001.

MARTINI, Rosa Maria F. Paulo Freire e Heidegger: o essencial é deixar aprender. **Revista Educação Unisinos**, p. 5-14, jan/abr. 2005. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6290>. Acessado em: 15 ago. 2015.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: polêmicas de nosso tempo. Campinas: Autores Associados, 1995.

STEIN, Ernildo. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2011, 208 p.